

PAULO FREIRE E A ESPERANÇA NA LIBERDADE ALÉM DO DETERMINISMO

PAULO FREIRE AND THE HOPE IN A FREEDOM BEYOND DETERMINISM

*Demerson Amaral de Brito**

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

RESUMO

A pedagogia da libertação foi concretizada como um dos paradigmas centrais para a teoria e para a prática educacional, alçando a figura de Paulo Freire ao posto de patrono da educação brasileira. Sua relevância, contudo, ultrapassou o âmbito nacional. Fortemente inspirada por um humanismo revolucionário, a pedagogia da libertação configura-se como um campo onde a esperança na humanidade, na sua vocação ontológica para ser mais, para ultrapassar as barreiras da desumanização e do imobilismo fatalista, converte-se não apenas em uma teoria do conhecimento ancorada na práxis revolucionária, mas numa força motriz que entende e fomenta a superação revolucionária das situações-limite. Logo, a presente análise buscou, por meio de uma revisão bibliográfica, a investigação do lugar que a relação entre determinismo – ou determinidade – e liberdade ocupa no pensamento freireano, objetivando encontrar ferramentas que possibilitem a negação do conformismo diante da barbárie, mediante a afirmação da potência humana em sua capacidade de conhecer o mundo para transformá-lo

Palavras-chave: Determinidade. Liberdade. Consciência. Negação. Ser mais.

ABSTRACT

The pedagogy of liberation was realized as one of the central paradigms for educational theory and practice, leading the figure of Paulo Freire to the position of patron of Brazilian education. Its relevance, however, went beyond the national scope. Strongly inspired by a revolutionary humanism, the pedagogy of liberation is configured as a field where hope in humanity, in its ontological vocation to be more, to overcome the barriers of dehumanization and fatalistic immobilism, becomes not just a theory of knowledge anchored in revolutionary praxis, but in a driving force that understands and encourages the revolutionary overcoming of limit situations. Therefore, this analysis sought, through a bibliographical review, to investigate the place that the relationship between determinism – or determinity – and freedom occupies in Freire's thought, aiming to find tools that enable the negation of conformism in the face of barbarism, through the affirmation of human power in its ability to know the world in order to transform it.

Keywords: Determinism. Freedom. Consciousness. Negation. Being more.

* Graduando em Ciências Sociais (Licenciatura) pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É integrante do CAOS – Grupo de Estudo em Sociologia e Política da Natureza. Atua como membro bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Encontros Sociais, da UFPE. E-mail: demerson.brito@ufpe.br.

INTRODUÇÃO

O século XXI tem sido marcado pelo preocupante avanço e aprofundamento de temáticas que assolaram grande parte do século XX. Em um linguajar freireano, pode-se dizer que o universo temático, característico dos anos que passaram, desdobrou-se na contemporaneidade como semente que germina em solo fértil. Contudo, é a ruína que parece, então, desabrochar. Da exploração econômica da vida humana e não-humana à mercantilização de toda existência viva e não-viva; da subjugação dos valores de uso pelo valor de troca à consolidação da emergência climática como paradigma incontornável; do esfacelamento dos vínculos de solidariedade e da intensa perda de vetores comuns de existência à efetivação do individualismo enquanto momento subjetivo dominante; da generalizada desmobilização dos movimentos progressistas – e a absoluta perda dos horizontes radicais como alternativas viáveis – ao fortalecimento do fascismo enquanto realidade que inunda o cotidiano, transmutando em normalidade o absurdo.

Diante de um cenário de terra arrasada, é difícil não sentir a importância de um instrumental teórico-prático que, por um lado, potencialize a identificação crítica dos nexos que enlaçam o presente – enredando-nos em uma trama essencialmente desumanizadora – e, por outro, permita, através da ação transformadora, um desatar de nós que nos liberte para a possibilidade de assumir existencialmente a capacidade de ser mais. Esta síntese encontra, portanto, na figura de Paulo Freire (assim como em suas produções), uma fundamental ferramenta, capaz de desvelar, ao pensamento daquelas e daqueles que podem mudar a história – porque fazem-na eles próprios –, os problemas do nosso tempo. Como conjunto de objetivos aqui aderidos, é possível demarcar a necessária abordagem dos princípios, características e pressupostos teóricos da abordagem educacional proposta por Paulo Freire, discutindo e articulando categorias como: determinidade, liberdade, consciência, negação, situação-limite, atos-limite e inédito-viável. Busca-se, igualmente, vislumbrar como sua



pedagogia pode nos impulsionar para além do determinismo e do fatalismo mediante a afirmação da liberdade humana.

DESENVOLVIMENTO

Discutir a série de princípios e características que perfazem o pensamento freireano não é uma tarefa fácil. Executá-la dentro dos estreitos limites aqui fixados é, certamente, uma tarefa que fracassa diante da riqueza teórica elaborada por Freire. No entanto, sem medo de fracassar, afirma-se aqui a tentativa de passear por seu pensamento sem, contudo, esgotá-lo. Como ponto inicial deste passeio, é a categoria de sujeito, mobilizada pelo pedagogo, que precisa ser investigada, não por uma suposta prioridade que esta possui em detrimento das outras noções que nomeiam a realidade em seu pensamento – afinal, um sujeito sem realidade é tão irreal, tão incompleto quanto uma atual realidade sem sujeitos –, mas por ser a chave inicial de uma perspectiva ontológica que amarra, na figura humana, liberdade, historicidade e conhecimento.

A reflexão sobre tal categoria não é tardia em suas análises. Do contrário, é apresentada desde a feitura de sua tese para ocupação da cadeira de História e Filosofia da Educação, na Escola de Belas Artes da Universidade do Recife, intitulada *Educação e Atualidade Brasileira* (1959). Nela, Freire sustenta que o ser humano

É um ser aberto. Distingue o ontem do hoje. O aqui do ali. Essa transitividade do homem faz dele um ser diferente. Um ser histórico. Faz dele um criador de cultura. A posição que ocupa na sua “circunstância” é uma posição dinâmica. Trava relações com ambas as faces do seu mundo – a natural, para o aparecimento de cujos entes o homem não contribui mas a que “confere uma significação que varia ao longo da história” [...] e a cultural, cujos objetos são criação sua. (FREIRE, 2003, p. 10).

Marcada como animalidade que não se fecha em si mesma, mas que se abre para a história, pode-se dizer que a humanidade, vista aos olhos de Freire, é o devir que se faz sobre o determinado, isto é, sobre um corpo que se historiciza porque faz de si e do mundo matéria prima das suas ações prático-reflexivas;

porque é livre e onde há liberdade, há história. Mesmo em seus trabalhos posteriores, a indagação da categoria de sujeito se faz presente como elo que interliga toda sua análise. Em *Pedagogia do Oprimido*, constata:

Se a vida do animal se dá em um *suporte* atemporal, plano, igual, a existência dos homens se dá no mundo que eles recriam e transformam incessantemente. Se, na vida do animal, o aqui não é mais que um *habitat* ao qual ele “contata”, na existência dos homens o *aqui* não é somente um espaço físico, mas também um espaço histórico. Para o animal, rigorosamente, não há um aqui, um agora, um ali, um amanhã, um ontem, porque, carecendo da consciência de si, seu viver é uma determinação total. Não é possível ao animal sobrepassar os limites impostos pelo *aqui*, pelo *agora*, ou pelo *ali*. Os homens, pelo contrário, porque são consciência de si e, assim, consciência do mundo, porque são um “corpo consciente”, *vivem uma relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade*. Ao se separarem do mundo, que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmos, ao terem o ponto de decisão de sua atividade em si, em suas relações com o mundo e com os outros, os homens ultrapassam as “situações-limite”, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis, mais além das quais nada existisse. No momento em que os homens as apreendem como freios, em que elas se configuram como obstáculos à sua libertação, se transformam em “percebidos destacados” em sua “visão de fundo”. Revelam-se, assim, como realmente são: dimensões concretas e históricas de uma dada realidade. Dimensões desafiadoras dos homens, que incidem sobre elas através de ações que Vieira Pinto chama de “atos-limite” – *aqueles que se dirigem à superação e à negação do dado, em lugar de implicarem sua aceitação dócil e passiva*. (FREIRE, 2018, p. 124-125, grifo nosso).

Não sendo meramente adaptado à realidade, mas sujeito que se produz porque produz a realidade, já não pode mais ser visto como meramente enclausurado em sua animalidade; o ser se faz humano em sua atividade negadora. A riqueza de facetas que conformam, ainda que implicitamente, a abordagem freireana do sentido de negação, deve ser, contudo, posta em pauta.

Aqui, animalidade e humanidade, consciência do mundo e consciência de si, situações-limite e atos-limite, longe de serem dualismos rigidamente antagônicos, são, no caso do ser humano, a expressão da dialeticidade entre condicionamentos e liberdade que, numa incessante articulação – dos sujeitos em si, entre si e com o mundo –, coadunam-se para formar uma existência histórica.

Reconhecendo o mundo como algo diferente de si próprio, como sua negação, o sujeito ganha uma dimensão de si mesmo que não possuía antes – se reconhece como um Eu a partir do reconhecimento daquilo que é não-Eu. Nesse reconhecimento, reconhece sua própria determinidade. A tomada de consciência de sua existência dada significa, simultaneamente, a capacidade de superá-la. Superando sua determinidade, projeta a si mesmo para o futuro, libertando-se do aqui e do agora. Superando sua animalidade, negando-a, produz a si mesmo enquanto existência humana que, em sua consciência de si e do mundo, conquista o além do dado, isto é, conquista liberdade, ação livre e consciente, produzindo história e, nela, superando as situações-limite através dos atos-limite. Aqui, a influência hegeliana em seu pensamento é explícita. Alexandre Kojève, famoso intérprete do pensamento hegeliano, afirma que

Na interpretação dialética do homem, isto é, da liberdade ou da ação, os termos negação e criação devem, aliás, ser considerados em sentido forte. Trata-se não de substituir um dado por outro dado, mas de suprimir o dado em proveito do que não é (ainda), realizando assim o que nunca foi dado. [...] *Ele cria e se cria porque nega e se nega sem ideia preconcebida: torna-se outro apenas porque não quer mais ser o mesmo. E, apenas porque ele não quer mais ser o que é, aquilo que ele será ou poderá ser é para ele um ideal que justifica sua ação negadora ou criadora, isto é, sua mudança, conferindo-lhe um sentido.* (KOJÈVE, 2002, p. 464, grifo nosso).

Portanto, entende-se que, de acordo com Freire, uma pedagogia só pode ser libertadora quando e porque reconhece a liberdade como potência imanente da existência humana. Só se efetiva como libertadora quando e porque entende e postula a capacidade de agência, de negar a situação-limite para produzir-se além dela e além do além. É possível encontrar uma expressão concreta desse

olhar, nas palavras do revolucionário martinicano, Frantz Fanon, quando traduz, em texto, a dor e o desejo de toda uma ancestralidade desumanizada:

A realidade humana em-si-para-si só consegue se realizar na luta e pelo risco que envolve. Este risco significa que ultrapasso a vida em direção a um bem supremo que é a transformação da certeza subjetiva, que tenho do meu próprio valor, em verdade objetiva universalmente válida. Peço que me considerem a partir do meu Desejo. *Eu não sou apenas aqui-agora, enclausurado na minha coisidade. Sou para além e para outra coisa.* Exijo que levem em consideração minha atividade negadora, na medida em que *persigo algo além da vida imediata; na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos.* Aquele que hesita em me reconhecer se opõe a mim. Em uma luta feroz, aceito sentir o estremecimento da morte, a dissolução irreversível, mas também a *possibilidade da impossibilidade.* (FANON, 2008, p. 181-182, grito nosso).

Desse modo, assim vislumbrada por Fanon – e, aqui suposto, tal qual Freire entendia –, negação e transformação da realidade histórica se apresentam como a contraparte dialética de uma potência humanizadora, capaz de superar a desumanização na medida em que, no caso de Fanon, dá vazão ao Desejo na luta pela transformação da certeza subjetiva de si em verdade objetiva universalmente válida; e, no caso freireano, ao conceber a superação das situações-limite como um rasgão, efetuado pelo sujeito no tecido da realidade histórica, porquanto faz, de seu ser, *ser mais* como vocação que se lança em direção ao inédito-viável – isto é, à fronteira histórica entre o dado e o possível. Ou, mais precisamente, na medida em que o efetiva concretamente.

Na vocação para o *ser mais* a história emerge, portanto, essencialmente como produção humana assentada na “relação dialética entre os condicionamentos e sua liberdade” (FREIRE, 2018, p. 125).

Em sua pedagogia do oprimido, como visto, Freire aborda a noção de condicionamentos para falar da dimensão animal do sujeito que serve de suporte natural ao ser humano – e que é negada, em sua determinidade, para e pela afirmação de um Eu humano liberto, consciente e, portanto, que faz história

porque é história encarnada. Este não é, contudo, o único elemento condicionante. No terreno da história mesma, situações-limite aparecem como freios característicos de uma dada unidade epocal. Para Freire

Uma unidade epocal se caracteriza pelo conjunto de ideias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários, buscando plenitude. A representação concreta de muitas destas ideias, destes valores, destas concepções e esperanças, como também os obstáculos ao *ser mais* dos homens, constituem os temas da época. Estes não somente implicam outros que são seus contrários, às vezes antagônicos, mas também indicam tarefas a serem realizadas e cumpridas. [...] O conjunto dos temas em interação constitui o “universo temático” da época. Frente a este “universo” de temas que dialeticamente se contradizem, os homens tomam suas posições também contraditórias, realizando tarefas em favor, uns, da manutenção das estruturas, outros, da mudança. (FREIRE, 2019, p. 128-129)

Portanto, é no âmago de uma unidade epocal que encontramos o conjunto de tensionamentos, que fazem de um momento histórico – e dos sujeitos que o compõem –, aquilo que ele é em sua singularidade. Nos seus domínios, encontramos formas de sofrer, de amar e de ser feliz, características de seu tempo. Encontramos os anseios, as angústias, os contornos das necessidades e suas formas historicizadas de satisfação. Encontramos, sobretudo, o conjunto de barreiras interpostas diante da vocação ontológica para *ser mais* (FREIRE, 2018). Desse modo, a conformação de uma unidade epocal é não mais do que a conformação dos modos de viver que podem tanto confirmar a humanidade de uma comunidade, quanto fazer da desumanidade um fato consumado.

Neste cenário, Freire compreende a existência de posições responsáveis, num caso, pela manutenção das estruturas e, em outro, pela produção do novo. Trata-se, por um lado, da luta pela preservação dos desafios históricos e, por outro, da luta por sua superação e pela criação de novos desafios. Em termos gerais, trata-se da afirmação da própria unidade epocal ou, enfaticamente, da sua negação. A relação entre determinidade e liberdade ganha, então, outros matizes, especialmente ao articular de modo não reducionista a relação entre agência e estrutura. Para melhor interpretar a complexidade desta articulação,

cabe retomar o olhar marxiano sobre a produção da história. Seguindo este entendimento:

Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos (MARX, 2011, n.p.).

O célebre comentário tecido por Karl Marx, por diversas vezes apressada e imprecisamente situado no debate acerca da relação entre agência e estrutura, ora enfatizando o polo da ação humana transformadora, ora explicitando o jogo de tendências e determinações estruturais – vide o exaustivo confronto entre humanistas e estruturalistas, a exemplo do caso E. P. Thompson e Louis Althusser –, não deve ser entendido por fora da dialeticidade característica da sua compreensão. Como apontado em suas teses sobre Feuerbach:

A doutrina materialista de que os homens são produto das circunstâncias e da educação, de que homens modificados são, portanto, produto de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. Por isso, ela necessariamente chega ao ponto de dividir a sociedade em duas partes, a primeira das quais está colocada acima da sociedade (por exemplo, em Robert Owen). A coincidência entre a alteração das circunstâncias e a atividade humana só pode ser apreendida e racionalmente entendida como prática revolucionária (ENGELS; MARX, 2007, n.p.).

A mobilização da temática educacional, utilizada por Marx precisamente para denunciar a precariedade de um materialismo que divide a sociedade em duas partes não dialetizadas – isto é, que não coincidem –, não se trata apenas de uma ironia, sobretudo aos que mistificaram a influência dos aparelhos ideológicos do estado, ao passo que negligenciaram as influências da agência

humana; trata-se do elemento que conforma uma potente aproximação entre o entendimento maxiano e freireano de educação, ao passo que elucida a relação dialética entre determinidade e liberdade. E é Freire quem delinea essa aproximação, quando enfatiza, referenciando o próprio Marx:

Este é um dos problemas mais graves que se põem à libertação. É que a realidade opressora, ao constituir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma força de imersão das consciências. Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. É por isso que só através da práxis autêntica que, não sendo “blá-blá-blá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo. Hay que hacer la opresión añadiendo a aquella la consciencia de la opresión, haciendo la infamia todavía más infamante, al pregonarla. Este fazer “a opressão real ainda mais opressora, acrescentando-lhe a consciência da opressão”, a que Marx se refere, corresponde à relação dialética subjetividade-objetividade. Somente na solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica (FREIRE, 2018, p. 52).

Logo, para Freire, liberdade não se trata de uma pretensa desconexão absoluta frente as determinações do mundo. Não somos livres por não sermos determinados. É através da determinação, da consciência que conquistamos sobre ela, que a liberdade se manifesta como realidade possível e viável. Como desvio da norma, que se afasta dela porque tem nela seu ponto de partida. Ademais, na solidariedade entre o subjetivo e o objetivo, na dialética subjetividade-objetividade, entende-se a superação do dado como efeito da potência movente presente na agência humana, que faz da realidade objetiva matéria prima, projeto humanizado das utopias que emergem no seio dos desafios históricos, da clausura do *ser mais*.

Cabe dizer que, nos termos aqui descritos, o conhecimento mobilizado no processo pedagógico libertador é a manifestação de uma coletividade de sujeitos essencialmente marcados pela capacidade de agência – fruto do pertencimento existencial à realidade, vertida em realidade histórica mediante o engajamento

consciente e livre sobre o dado. O conhecimento que surge de tal engajamento, da práxis autêntica, é, para Freire, o conhecimento dos temas geradores característicos de uma dada unidade epocal. Pertencendo ao mundo, não como vítima passiva das suas determinações, mas como insubordinada que conduz o fluxo do destino, a humanidade *transforma o real enquanto o conhece* e é para transformá-lo que a pedagogia libertadora existe. Como fruto dessa perspectiva, floresce na analítica freireana sua abordagem dialógica.

Acerca da noção de diálogo, cabe pontuar: Freire faz do diálogo o fio que costura as relações intersubjetivas dos seres humanos entre si e com o mundo – relações estas que, em termos gerais, tomam a pronúncia da palavra verdadeira (a palavra que é ação-reflexão, logo, práxis) como elemento que dá forma ao tecido humano-social. Sendo o diálogo um encontro – consigo, com o mundo e com a humanidade – sua existência só é plenamente concretizada através da reciprocidade do direito de fala. Se, para Freire, como mencionado no início do terceiro capítulo da *Pedagogia do Oprimido*, o mutismo e o silêncio (enquanto desconexão do real) não são aspectos humanos (FREIRE, 2018), o diálogo, porque engajado no encontro com o mundo e porque, deste, transformador, é a expressão genuína da existencialização humanizada; ao passo que, em sua negação, vemos a afirmação da desumanização.

Freire enquadra o diálogo como um ato que denota amor ao mundo e aos seres humanos. Aqui, inclinar-se sobre o mundo para transformá-lo é uma atitude que encontra no amor sua condição de realização. Ademais, a sugestão por ele feita, de que o diálogo pressupõe a humildade, parece indicar que é pelo reconhecimento da fraternidade – que unifica os sujeitos em uma humanização compartilhada –, que o diálogo se apresenta como prática efetiva. Neste cenário, o esperar no *ser mais* é, então, o lastro da atitude verdadeiramente dialógica. Aquele que não acredita na potência humana encontra-se destituído de motivos para, com a humanidade, dialogar. E acreditar em sua potência é entender sua vocação. A vocação para se libertar do aqui e do agora mortificantes. A vocação para projetar-se para o futuro, não como coisidade, mas como ação criadora, como movimento consciente, como história. E percebendo a história como processo, Freire sustenta a importância do pensar crítico como uma espécie de

inclinação para o *ser mais*, rompendo com a clausura do conformismo diante das situações-limite e abrindo espaço para o inédito-viável – enxergando nele, talvez, um mundo próximo ao imaginado por Fanon: *um mundo de reconhecimentos recíprocos*.

CONCLUSÃO

A pedagogia construída por Paulo Freire é, ao fim e ao cabo, uma pedagogia erguida pela busca da transformação crítica da realidade, pela fé na humanidade e na esperança de que é tão certo que a história não se trata de uma peça de museu – parada no tempo à espera do olhar meramente contemplativo dos seres humanos –, mas fruto mesmo da ação humanizadora, quanto é certo que os anseios que assolam nossos corações nos levam além de qualquer horizonte histórico. De fato, a atualidade se encontra atormentada pela desumanidade; contudo, é justamente aí que vislumbramos o motor das nossas esperanças. É justamente por isso que devemos buscar, na pedagogia da libertação, a possibilidade de concretização, carregada de esperança, das utopias que surgem do âmago dos nossos desejos. Como indica a socióloga brasileira Sabrina Fernandes, influenciada pelo pensamento de Ernst Bloch

[...] a utopia não é o mesmo que um sonho ou uma esperança desengajada, e sim o fruto de uma posição dialética entre a esperança e a escuridão. É a esperança que surge das trevas e, como tal, da opressão e da alienação, pois há pouca razão para continuar a esperar quando a potencialidade otimista que a carrega já foi realizada. Se o negativo está contido no positivo, o mesmo ocorre no contrário, como uma centelha que contraria a percepção inevitável de uma totalidade opressora. (FERNANDES, 2019, p. 51).

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner**. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo. 2007. *E-book*.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira . – Salvador : EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Sabrina. **Sintomas Mórbidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. – São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. – 65° Ed. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto: EDUERJ, 2002.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luis Bonaparte**. Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011. *E-book*.